

N@tivos Digitais

A midiatização da infância nos processos de leituras por meio das mídias digitais

Christianny Cavalcante Bandeira Gaspar¹

Keyla Negrão²

Estácio - Pará³

Resumo: O artigo discute e investiga como as mídias digitais têm papel fundamental na formação da nova infância na contemporaneidade, marcada por processos de leituras expandidas para além de instituições formais, como escola, igreja, família. Os *media* se tornam mais uma instituição capaz de articular processos de formação de crianças e adolescentes ao que se refere como novos sujeitos/protagonistas da cultura digital. De modo que nosso foco é investigar essa teia de interações midiatizadas na infância nos processos de leituras. E para isso, também desenvolvemos um mini documentário no sentido de tecer em imagens e relatos como essa articulação leitura/comunicação/tecnologia se dá na prática na escola Heureca - escola de ensino fundamental de Belém, e como essas práticas falam sobre um novo modo de vida da sociedade. Nosso percurso teórico visa apontar contextos de celeridade dos processos de comunicação e mídias digitais e as aproximações com a leitura, como um hábito e ferramenta de aprendizagem, mas nesse sentido, pensando a leitura como processo comunicacional. Autores como André Lemos, Lúcia Santaella, Pierre Levy nos ajudam criar noções do contexto da ambiência comunicacional e tecnológica na Cultura Digital. Métodos de abordagem seguem a orientação de pensar a ideia de processos de leitura como uma estratégia de mídia locativa⁴, articulando instrumentos de entrevistas presenciais com alunos, gestores e pais da referida escola e tecnologias como parte desse processo.

Palavras-chave: Nativos digitais. Mídias digitais. Leituras. Crianças.

¹ Graduada em Comunicação Social-Publicidade e Propaganda da Estácio-FAP.
Email: ccbg28@yahoo.com.br

² Keyla Negrão é jornalista, Doutora em Ciências da Comunicação (UNISINOS), pesquisadora dos temas da Comunicação e da Cultura, das Mediações e Processos Sociais com ênfase nos problemas amazônicos. Email: k.negrao@uol.com.br

³ Faculdade Particular localizada na rua Municipalidade, 839 – Umarizal – Belém Pará

⁴Mídia Locativa: Foi cunhada por Karlis Kalnins como uma categoria de teste para processos e produtos realizados por um grupo internacional de pessoas trabalhando com as tecnologias emergentes.

Abstract: The article discusses and investigates how digital media play a fundamental role in the formation of the new childhood in the contemporary world, marked by processes of expanded reading, in addition to formal institutions such as school, church and family. The media become an institution capable of articulating processes of formation of children and adolescents to what is referred to as new subjects / protagonists of digital culture. So our focus is to investigate this web of childhood-mediated interactions in the reading process. And for this, we also developed a mini documentary, in the sense of weaving into images and reports this reading / communication / technology articulation occurs in practice at the Heureca school, Belém elementary school, and how these practices speak about a new way of life of society. Our theoretical course aims at pointing out contexts of celerity of communication processes and digital media and approaches to reading as a habit and learning tool, but in this sense, thinking about reading as a communicational process. Authors such as André Lemos, Lúcia Santaella and Pierre Levy help us to create notions of the context of the communicational and technological environment in Digital Culture. Methods of approach follow the orientation of thinking the idea of reading processes as a locative media strategy, articulating instruments of face-to-face interviews with students, managers and parents of said school and technologies as part of this process.

Keywords: Digital natives. Digital media. Readings. Children.

1- Introdução

O artigo visa discutir as noções de leitura como instrumento de comunicação e suas relações com ferramentas das mídias/tecnologias digitais. O contexto do desenvolvimento dessa investigação apresenta como objeto situações que se situam no âmbito da leitura como forma de comunicação na formação de crianças e adolescentes no ensino fundamental, tendo como corpus um grupo de alunos que participa de um projeto de Leitura “Lê pra mim” realizado em uma escola particular da cidade de Belém, a escola Heureca de Ensino Fundamental⁵.

Nosso percurso teórico visa apontar contextos de celeridade dos processos de comunicação e mídias digitais e as aproximações com a leitura, como um hábito e ferramenta de aprendizagem, mas nesse sentido pensando a leitura como processo comunicacional.

⁵Escola situada Av. Pedro Álvares Cabral, 137 - Marambaia, Belém - PA, 66615-140

Autores como Manuel Castells, André Lemos, Lúcia Santaella, Pierre Levy nos ajudam criar noções do contexto da ambiência comunicacional e tecnológica na Cultura Digital e os diálogos com esses autores e outros certamente são um exercício contínuo nesse artigo, sem a obrigatoriedade de criar espaço isolado no texto para referenciá-los. Faremos dessa nossa formulação de texto escrito uma rede de elaborações em construção, que visa ser atravessada por experiências empíricas, virtuais e teórico-metodológicas, a fim de nos fornecer elementos para um projeto experimental (mini documentário) que é agregado a esse material, na perspectiva de criar uma ambiência multitextual sobre a temática. Métodos de abordagem seguem a orientação de pensar a ideia de processos de leitura como uma estratégia de mídia locativa⁶, e é nossa intenção desenvolver o texto nessa perspectiva, articulando instrumentos de entrevistas presenciais com alunos, gestores e pais da referida escola e tecnologias como parte desse processo. Vamos navegar!

1.1- Contextualização do tema

A Internet no Brasil se desenvolveu junto ao meio acadêmico e científico em meados dos anos 1990 com, acesso restrito a professores e funcionários de universidades e instituições de pesquisa. Somente em maio de 1995, a internet deixou de ser privilégio das universidades e da iniciativa privada para se tornar de acesso público. Desde então, o número de provedores que oferecem o serviço e o número de usuários que utilizam este recurso aumentam a cada ano entre 1985 e 1995, a rede tinha crescido de 6 nós ligados com linhas a 56 Kbps para 21 nós com múltiplas linhas a 45 Mbps⁷. Assim, em aproximadamente dez anos, a rede inicial cresceu para cerca de 50.000 redes nos sete continentes e no espaço, com aproximadamente 29.000 redes nos EUA, segundo site da UFPA⁸. Em 1989, a Universidade Federal do Rio de Janeiro se conectou à Bitnet através de uma universidade americana, tornando-se a terceira instituição a ter acesso à essa tecnologia. No ano de 1991, o acesso a

⁶Mídia Locativa: Foi cunhada por Karlis Kalnins como uma categoria de teste para processos e produtos realizados por um grupo internacional de pessoas trabalhando com as tecnologias emergentes.

⁷ O contexto de uso de internet no Brasil coincide com um contexto de enormes mudanças na cultura, e isso é percebido por meio de novas formas de interação na sociedade, onde as tecnologias assumem papel fundamental. E as universidades se tornam o lugar fértil sobre os debates e desenvolvimento de projetos e articulação entre ciência e novas tecnologias. Mais informações sobre internet no Brasil Ver:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Internet_no_Brasil

⁸Sobre história da internet, ver: <http://www.ufpa.br/dicas/net1/int-h199.htm>. As universidades públicas no Brasil tiveram privilégio de serem pioneiras nesse contexto experimental da internet, para fins de pesquisa e ensino.

rede de informações, já denominada internet, era utilizada também por órgãos do governo e instituições educacionais de pesquisa. Nesse ano foi criada, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Rede Nacional de Pesquisa (RNP). esta durante a década de 1990 foi responsável por fornecer acesso à internet a aproximadamente 600 instituições, ou seja, por volta de 65 mil usuários⁹.

Em 1994, a internet finalmente sai do nicho acadêmico e passa a ser comercializada para o público em geral. No Brasil, a EMBRATEL lança o Serviço Internet Comercial, em caráter experimental e com conexão internacional de 256 Kbps. Cinco mil usuários foram escolhidos para testar o serviço.

A internet passou a ser capa de revistas e até assunto de novela, se popularizando cada vez mais, crescendo de maneira espantosa. Em 1999, acontece a primeira transmissão de vídeo/áudio pela internet na América latina. A iniciativa foi do paraense Demethrius Lucena que reuniu provedoras de internet e uma geradora de TV a cabo, com apoio da EMBRATEL¹⁰. Observando a história, podemos perceber que o processo de implantação e uso da internet foi um trabalho em etapas, que se concretizou com a interligação de ideias. Santaella fala em seu livro “Cultura e Arte do Pós Humano - da Cultura das mídias à cibercultura (2003)” que o aspecto mais espetacular da era digital está no poder dos dígitos para tratar toda informação, convergir som, imagem, vídeo, texto, programas informáticos com a mesma linguagem universal. A autora afirma:

A digitalização consiste em dividir uma grandeza física que varia e evolui no tempo em pequenas frações, mediante seu valor em intervalos regulares (para a música em um CD, 40 mil vezes por segundo). Em seguida, é necessário quantificar esse valor, atribuindo-lhe um código informático sob forma binária, utilizando apenas dois números, 0 e 1 (bits da informação). O sinal digital traduz-se assim por um fluxo de bits estocado em um disco laser e agrupado em pacotes, sendo suscetível de ser tratado em qualquer computador (Santaella, 2003:83 p.)

⁹As universidades se tornaram polos nesse processo de construção de caminhos de “popularizar” o acesso nos níveis da educação superior. Ver mais em: internetnobrasil.wordpress.com/author/internetnobrasil/page/2/

¹⁰Essa década define um divisor de águas no cenário da comunicação. Ver mais em: (www.youtube.com/watch?v=woAqWyyntA). A convergência de informática+telefonia+imagem/TV coloca a sociedade num novo patamar de comunicação, como citam Pierre Levy, Dênis de Moraes no cenário de uma cultura digital, uma cultura das convergências.

E a autora continua:

(...) foram fundidas, em um único setor de todo o digital, as quatro principais formas de comunicação humana: o *documento escrito* (imprensa, revista, livro); o *audiovisual* (televisão, vídeo, cinema); as *telecomunicações* (telefone, satélites, cabo) e a informática (computadores, programas informáticos). (Santaella: 2003, 83p.)

1.1.2 – Livro, uma matriz

É importante criarmos um atalho metodológico, e apresentar o livro, num interstício de tempo, como uma tecnologia que ao longo de sua evolução técnica, como objeto de arte, objeto de utilidade científica, educacional, intelectual sobreviveu a algumas fases da cultura ocidental, como afirma Santaella¹¹.

A história do livro¹² é ligada ao contexto político e econômico e à história de correntes de pensamento e religiões. Também é influenciada por inovações técnicas que permitiram o aprimoramento da conservação dos livros, do acesso à informação, da facilidade em manusear e produzir as obras. Começa na Antiguidade, com o surgimento da escrita e, mais tarde, do papiro (que originou o termo livro), do pergaminho e do códice (quando se começou a pensar no livro como objeto). O livro continua sua evolução com o aparecimento de margens e páginas em branco, pontuação no texto e letras maiúsculas. Surgem também os índices, sumários e resumos.

Mas a invenção mais importante, já no limite da Idade Média, foi a impressão, no século XIV. Consistia originalmente da gravação em blocos de madeira do conteúdo de cada página do livro. Os blocos eram mergulhados em tinta, e o conteúdo transferido para o papel, produzindo várias cópias. Em 1405, surgia na China, por meio de Pi Sheng, a máquina

¹¹ Lúcia Santaella em “Cultura dos Pós-humano, da cultura das mídias à cibercultura”, afirma uma divisão categórica da cultura na sociedade ocidental: cultura oral, cultura escrita, cultura impressa, cultura de massa, cultura das mídias e cultura digital. O que menos importa aos conceitos são as divisões temporais, cronológicas desses modos definidores de cultura, e mais as possibilidades que esses conceitos agregam ao longo da história da cultura ocidental, sobretudo, sob o aspecto de agregar tecnologias à perspectiva de formas de experiências do homem na cultura.

¹² É importante ressaltar alguns aspectos técnicos do livro ao longo da história ocidental, pois o livro trafega como uma ferramenta pouco abalada do ponto de vista técnico e científico ao longo de séculos. Ver essas informações sobre História do livro em: www.ebc.com.br/infantil/2016/02/conheca-historia-do-livro

impressora de tipos móveis, mas a tecnologia que provocaria uma revolução cultural moderna foi desenvolvida por Johannes Gutenberg.

Na Idade Moderna, no Ocidente, em 1455, Gutenberg inventa a imprensa com tipos móveis reutilizáveis. O primeiro livro impresso nessa técnica foi a Bíblia em latim. Com o surgimento da imprensa, desenvolveu-se a técnica da tipografia, o italiano Aldus Manutius como um de seus mais importantes nomes. Ele foi marcante na evolução do projeto tipográfico, hoje chama de design gráfico ou editorial. Nessa época aparecem livros cada vez mais portáteis, inclusive os livros de bolso, com novos gêneros como o romance, a novela e os almanaques.

Na Idade Contemporânea, cada vez mais, aparece a informação não linear, seja por meio dos jornais, seja da enciclopédia. A indústria editorial é influenciada por novas mídias: os registros sonoros, a fotografia e o cinema. O acabamento dos livros tem grandes avanços surgindo as edições de luxo.

1.1.3- Livro eletrônico

Em fins do século XX surgiu o livro eletrônico, ou seja, o livro num suporte eletrônico, o computador. Ainda é cedo para dizer se o livro eletrônico é um continuador do livro típico ou uma variante, mas vem ganhando espaço como mídia, o que, de certo modo, amedronta os amantes do livro típico – os bibliófilos¹³.

Existem livros eletrônicos disponíveis tanto para computadores de mesa quanto para computadores de mão. A leitura num suporte de papel é cerca de 1,2 vez mais rápida do que em um suporte eletrônico, mas pesquisas vêm sendo feitas no sentido de melhorar a visualização dos livros eletrônicos. Umberto Eco (2010) faz uma reflexão sobre o livro num tempo em que muitos tentam infiltrar no pensamento comum e científico a razão maniqueísta, o pensamento dualista de livro versus tecnologia:

Das duas, uma: ou o livro permanecerá o suporte da leitura, ou existirá alguma coisa similar ao que o livro nunca deixou de ser, mesmo antes da invenção da tipografia. As variações em torno do objeto livro não modificaram sua função, nem sua sintaxe,

¹³amador ou colecionador de livros, especialmente de livros raros. (<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/bibli%C3%B3fila>)

em mais de quinhentos anos. O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. Você não pode fazer uma colher melhor que uma colher. Designers tentam melhorar, por exemplo, o saca-rolhas, com sucessos bem modestos, e, por sinal, a maioria nem funciona direito. Philippe Starck tentou inovar do lado dos espremedores de limão, mas o dele (para salvaguardar certa pureza estética) deixa passar os caroços. O livro venceu seus desafios e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro. Talvez ele evolua em seus componentes, talvez as páginas não sejam mais de papel. Mas ele permanecerá o que é. (Eco, 2010: 14p.).

1.1.4 - Internet – A Sociedade em rede

Continuamos, então, a provocar nesse texto a ideia da convergência de mídias, e as possibilidades que a sociedade da convergência, o espírito mesmo da cultura digital podem trazer a esse debate sobre o livro como componente tecnológico e os valores a essa ferramenta agregados, que ao longo do tempo, o transformam e o mesmo transforma pessoas por meio de experiências do tempo, da contemporaneidade.

Manuel Castells (2002) nos ajuda nessa reflexão. Ele diz que em grande parte, a tecnologia expressa habilidade de uma sociedade para impulsionar seu domínio tecnológico por intermédio das instituições sociais, inclusive o Estado. O processo histórico em que se desenvolveram forças produtivas ocorrem assinadas às características da tecnologia e seus entrelaçamentos com as relações sociais, e acrescenta que a mudança histórica das tecnologias mecânicas para as tecnologias da informação ajuda a subverter as noções de soberania e autossuficiência que serviam de âncora ideológica à identidade individual desde que os filósofos gregos elaboraram o conceito, há mais de dois milênios.

1.1.5 - Redes Sociais, Internet e Infância

Nos fascinava e ainda nos fascina essa tal inovação, as conversas pelo computador que começaram com o “O ClassMates” (colegas, em inglês) é considerado a primeira rede social. Foi criado em 1995 pelo norte-americano Randy Conrads para reunir amigos da escola e faculdade. O serviço era pago, mas fez muito sucesso na época entre usuários dos Estados Unidos e Canadá. Existe até hoje.

Em 1997, surgiu o SixDegrees, de Andrew Weinreich, parecido com as redes sociais que conhecemos hoje: com envio de mensagens, publicação em murais e a possibilidade de

adicionar contatos. Nos anos seguintes apareceram o Friendster (2002), e os famosos MySpace (2003), que permite compartilhar músicas e fotos, e o LinkedIn (2003), com o objetivo de reunir contatos profissionais.

No Brasil, a febre dos amigos virtuais chegou com o Orkut (2004), cujo nome vem do seu criador, o engenheiro turco Orkut Büyükkökten. No mesmo ano de 2004 surgiu o Facebook, criado por Mark Zuckerberg e amigos na universidade de Harvard. No começo, era apenas para alunos de algumas faculdades. Em 2006, foi liberado para qualquer pessoa (a partir de 13 anos).

Hoje, o Facebook é a rede social mais popular no mundo, com mais de 1 bilhão de usuários; 67 milhões só no Brasil. A maioria destes sites (Facebook, YouTube, e Twitter) não permite a participação de crianças durante a infância porque é difícil diferenciar publicações boas de ruins, já que os usuários podem compartilhar todo tipo de conteúdo. Além disso, não dá para saber se alguém que conheceu na rede social é quem você pensa¹⁴. As faixas etárias foram diversificando-se, e nesse momento, começamos a convergir para a constituição de um novo meio de comunicação, de pensamento e de trabalho, segundo Levy:

Consideremos, para começar, a oposição fácil e enganosa entre real e virtual. No uso corrente, a palavra virtual é empregada com frequência para significar a pura e simples ausência de existência, a “realidade” supondo uma efetuação material, uma presença tangível. O real seria da ordem do “tenho”, enquanto o virtual seria da ordem do “terás”, ou da ilusão, o que permite geralmente o uso de uma ironia fácil para evocar as diversas formas de virtualização (Levy, 1996: 15p.).

1.2- Sujeitos da Sociedade Digital

Trilhas da leitura por N@tivos digitais¹⁵, o termo foi criado pelo norte-americano Marc Prensky¹⁶, trazendo a esse grupo definições de novas características, que consolida um

¹⁴Muitas variáveis, fatores de ordem cultural, social, psicológica, educacional, etc são operadas, quando se fala em interações no ambiente das redes sociais. Ver mais em: (www.dgabc.com.br/Noticia/462216/qual-foi-a-primeira-rede-social)

¹⁵Nativos digitais, um nativo digital é aquele que nasceu e cresceu com as tecnologias digitais presentes em sua vivência. Tecnologias como videogames, Internet, telefone celular, MP3, iPod, etc. Caracterizam-se principalmente por não necessitar do uso de papel nas tarefas com o computador. (Palfrey, Jhon 2011, Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais.

abismo com relação aos imigrantes digitais¹⁷ (outro termo criado pelo autor). No sentido mais amplo, refere-se a pessoas nascidas a partir da década de 1980 e mais tarde, na Era da Informação que teve início nesta década. Geralmente, o termo foca sobre aqueles que cresceram com a tecnologia do século XXI.

Com a digitalização, o texto e a leitura receberam um novo impulso, ao mesmo tempo, uma profunda mutação. Pode-se imaginar que os livros, os jornais, os documentos técnicos e administrativos impressos no futuro serão apenas, em grande parte, projeções temporárias e parciais online muito mais ricos e sempre ativos. Posto que a escrita alfabética hoje em uso estabilizou-se sobre um suporte estático, e em função desse suporte, é legítimo indagar se o aparecimento, de um suporte dinâmico não poderia suscitar a invenção de novos sistemas de escrita que explorariam melhor as novas potencialidades? Os “ícones” informáticos, certos videogames, as simulações gráficas interativas utilizadas pelos cientistas representam os primeiros passos em direção a uma futura ideografia dinâmica (Levy, 1995).

A Realidade Virtual é um ambiente simulado que permite interações, onde os usuários recebem estímulos corporais. O corpo real migra para um mundo de pura informação. Assim, as tecnologias da RV nos permitem, não só olhar uma paisagem, por exemplo, mas experimentar uma interação tátil, como se estivéssemos dentro de um novo mundo. Como nos explica Rheingold, “enquanto o cinema mostra a realidade ao público, o ciberespaço dá um corpo virtual, um papel a cada um. A imprensa e o rádio falam, o teatro e o cinema mostram, o ciberespaço incorpora” (Lemos, 2002).

As novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais mediadas por computadores e geram uma gama enorme de comunidade virtuais (Castells, 2002, pág.57).

2-Elementos para formular um problema:

2.1- Sujeitos de uma nova alfabetização?

¹⁶é escritor e orador americano sobre educação. Ele é mais conhecido como o inventor e popularizador dos termos " digital nativo " e " digital imigrante "

¹⁷São adultos que chegaram maduros nesta terra conectada e tem que fazer um esforço enorme para aprender esta nova língua.

As mudanças vêm mexendo com a alfabetização de forma positiva hoje as ferramentas, trazem uma forma diferente de ensinar; a interatividade causa curiosidade, e aguçam o interesse, colocando as crianças “N@tivos Digitais” em uma posição de conhecer e encontrar, em um só lugar, vários mundos. A leitura digital, como o próprio Lemos (2002) relata, se tornou tátil no instante que o digital é colorido, tem movimento e conversa com esse novo leitor.

O celular superou os computadores de mesa e passou a ser o aparelho mais usado por crianças e adolescentes para acessar internet. Uma pesquisa¹⁸, divulgada em julho de 2015 pelo Comitê Gestor da Internet (CGI), indicou que 82% dos jovens acessam a rede por telefones móveis, enquanto 56% navegam em dispositivos fixos. Os dados foram coletados a partir de 2,1 mil entrevistas domiciliares com jovens entre 9 e 17 anos, feitas em 2014.

A migração para o acesso por outros dispositivos indica também mudanças de hábito de aprendizado, como explica a oficial do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) Gabriela Mora: “Os adolescentes estão usando a internet de uma forma cada vez mais individualizada. E uma das características também é essa busca por autonomia. É importante respeitar isso”.(Mora, 2013)

Por isso, é importante que os pais e as escolas discutam a relação dos jovens com a rede, ressalta o pesquisador do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic) Fábio Senne. Segundo ele, os estudos têm mostrado que uma visão mais participativa tem sido mais efetiva do que impedir que as crianças façam acesso. As crianças devem acessar a internet, devem exercer a sua liberdade de expressão e seus pontos de vista na rede, no seu entender, mas a conversa e a mediação sobre o uso que está sendo feito são fundamentais.

A Internet é (ou deveria ser) uma ferramenta a serviço da formação, e as crianças que já nasceram nesse período de transformações particulares de sua idade, e são convidadas a inserir-se num mundo virtualizado cada vez mais inovador. De modo que nossa questão é entender quais processos de midiaticização da leitura são articulados nessa “nova infância

¹⁸Cada vez mais sujeitos nascem ou migram para uma nova plataforma de sociabilidade. Ver mai sem: <http://www.ebc.com.br/noticias/2015/07/celular-e-usado-por-82-das-criancas-e-adolescentes-para-acessar-internet> (Empresa Brasil de Comunicação)

digital” e como os sujeitos desse processo participam dessa nova forma de educação/alfabetização na sociedade da convergência por meio da leitura.

Com a chegada da internet e com a curiosidade de estar conectados, os Nativos Digitais pularam etapas em seu desenvolvimento, essa é uma realidade que se não for acompanhada (família, escola) como será contextualizada na formação da criança? Nesse momento surgem alguns questionamentos, o que eles esperam da facilidade de se conectar? Nasceram inseridos nesse cenário tecnológico, tendo o lúdico como chamariz, é nesse momento que a internet pode ser uma grande aliada no incentivo á leitura, como? Cabe a quem a montagem dessa estratégia para que as plataformas digitais sejam ferramentas de aproximação e descobertas. Quais agentes transitam nessa midiatização.

3- Metodologia

3.1- Alguns Referenciais

Perante as inovações das tecnologias, o conceito *hibridismo* expandiu-se ainda mais para se referir à interconexão dos espaços físicos de circulação e suas relações com espaços virtuais de informação a que os usuários de dispositivos móveis se conectam (Santaella, 2008). A autora discute a noção de corpos físicos e digitais que mudam a percepção de lugar e experiências dos sujeitos. Noção essa, que rompe com ideia de fronteiras entre corpos físicos e virtuais e práticas sociais, e cria justamente a noção de corpos que, por meio das tecnologias, se movimentam em *espaços informacionais* (Lemos. 2002) continuamente e aceleradamente, transformando vidas e sociedade.

Mesmo que nem todas as premonições se efetivem, cumpre discernir que as esperadas fusões, via computador, já estão, de certa forma, sendo antecipadas no hibridismo e nas misturas entre as formas, gêneros, atividades, estratos e segmentos culturais, e meios de distribuição e interação comunicacionais que estamos experienciando, como se a dinâmica fluida dos processos culturais no mundo presencial já estivesse colocando, nossas sensibilidades em sintonia com as dinâmicas virtuais da cultura ciberespacial em curso (Santaella, 2003:71p.).

E foi com base nessa elaboração, que o presente estudo N@tivos Digitais, observando os processos que fazem interagir exercícios de leitura tradicional em materialidades, como o livro de papel, e a expansão da noção de leitura, que vai além do físico e se articula com

tecnologias que agregam inovações nos modos de perceber o mundo por meio da leitura e agregar conhecimento numa perspectiva concreta de elaborar *inteligências coletivas*.

Etimologicamente, Santaella (2008) afirma que a noção de “hibridismo” designa uma formação conceitual que é formada da composição de elementos tomados de línguas diversas, formações sociais diversas, formações biológicas diversas, componentes físicos diversos, formações culturais diversas, etc. Entendemos, nesse contexto, a importância de analisar linguagens diversificadas como ferramentas utilizadas nas interações midiáticas da infância nos processos de leituras, promovendo meios e métodos que nos possibilitem compreender esses processos.

As interações na infância com a leitura e as tecnologias, quando fundamentadas de forma estratégica, aguçam o aspecto físico e digital da percepção desses sujeitos, partindo de uma compreensão de mídias locativas. A leitura possui por si só um poder de nos levar a outros mundos, conforme destaca Santaella, (1993), citando Benedikt (1991) nos fazer locomover entre espaços e o “Cyberspace. First steps”, o universo paralelo, que tem sua matriz na internet, que abriga megalópoles, ou bancos de dados comerciais, e uma infinidade de portais e sites de todas as espécies.

De que se constitui isso que existe em um lugar sem lugar e que é, ao mesmo tempo, uma miríade de lugares? Consiste de uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração e acesso. Nessa realidade, da qual cada computador é uma janela, os objetos vistos, e ouvidos não são nem físicos nem, necessariamente, representações de objetos físicos, mas têm a forma, caráter e ação de dados, informação pura. É certamente uma realidade que deriva em parte do funcionamento do mundo natural, físico, mas se constitui de tráfegos de informação produzida pelos empreendimentos humanos em todas as áreas: arte, ciência, negócios, política e cultura (Benedikt, 1993:116p.)

A emergência de tecnologias portáteis Bring Your Own Device – traga seu próprio dispositivo (*BYOD*), contribuiu para a possibilidade de se estar constantemente conectado a espaços digitais e de, literalmente, se “carregar a internet onde quer que se vá (Souza e Silva 2006: 27), ou seja, ser sujeito de comunicação a todo instante, ter o poder de escolha de estar on ou off, poder de trânsito, poder mesmo de existir. Chegamos na geração *Mobile*, para qual

alguns tiveram que migrar, e outros já nasceram navegando, ou antes mesmo de nascerem, onde podemos por processos de simulações de imagem em ressonâncias já produzir as *selfies*.

3.2- Abordagens: Procedimentos Metodológicos

3.3- Conhecendo a escola

A Escola Heureca possui um projeto de leitura chamado “Projeto Lê pra mim” no qual convida pais para juntos participar, efetivamente, da vida escolar das crianças, contando histórias na sala de aula. Neste projeto, sob o comando da instituição, cada um pode passar conhecimento e chamar a atenção desses potenciais leitores para um mundo de descobertas.

Walmir Neto e Kamila Carneiro motivados por uma numerosa clientela infantil no bairro da Marambaia, e por não haver escolas que pudessem suprir essa demanda com qualidade e eficiência, fundaram em 2007, o Centro Educacional Heureca prestando Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental.

Iniciou com oito turmas somente no turno da manhã, atendendo 82 alunos, mas com a modernidade de seus propósitos, contam em 2017 com 21 turmas distribuídas nos turnos da manhã e tarde, com 469 novos alunos, a proprietária do estabelecimento de ensino defende:

A escola é o ambiente social que promove a aquisição de saberes, através da troca de conhecimentos entre os sujeitos envolvidos no processo educativo.

Os projetos escolares são uma excelente maneira de instigar a curiosidade dos alunos, pois proporcionam formas dinâmicas de atuação. O projeto Lê pra mim é de suma importância para valorizar a literatura junto as crianças, manter viva a imaginação das crianças através da leitura e mostrar a essas crianças que elas podem buscar no mercado editorial, sendo autores, contadores de historia, ou até mesmo atores, um futuro seguro para suas vidas profissionais. (Kamila Carneiro, diretora administrativa da escola Heureca, maio, 2017).

Como forma de integração da família e escola, verificou-se a necessidade de incentivar aos pais e alunos o hábito da leitura e, neste sentido, o contato com livros e contadores de histórias (pais) se faz necessário.

O objetivo do projeto “Lê pra mim” é incentivar a leitura, a escrita e a comunicação entre as crianças, com os contadores de historias sendo pessoas formadoras de opinião, que vão mostrar às crianças que a literatura é fundamental nas suas formações.

A pesquisa foi fruto de um processo de conversa com alunos do 2º ao 8º Ano da Escola Heureca. As imagens, relatos foram capturados por celular em dois dias de visita.

3.4- Objetivo:

Produzir, por meio de vídeo de bolso¹⁹, uma materialidade tecnológica, para promover o debate sobre as relações que se estabelecem (e como se estabelecem) nos processos de leitura (infanto-juvenil) e a interação com mídias digitais e locativas, tendo como laboratório desse debate a escola de ensino Fundamental Heureca que realiza o projeto “Lê pra mim”.

3.5- Técnicas de abordagem:

a- Entrevistas, prioritariamente com alunos que participam e já participaram do projeto de leitura, das turmas 2º a 8º Ano, a partir de uma amostra de alunos. As entrevistas tem como instrumento um questionário que visa apurar as experiências dos alunos com processos de leitura

b- Entrevistas também aplicadas com representantes dos docentes, gestores e pais comprometidos com essa proposta de aprendizado.

c- Filmagens de relatos em vídeo de bolso, a fim de produzir um mini documentário, que articule o conceito de *Mídias Locativas*, para construir a ideia das práticas de leitura, a partir de mídia Mobile e relações entre os sujeitos dos processos de aprendizado na escola e suas possíveis extensões.

3.5-1 Algumas perguntas:

3.5-2 Para alunos:

Como a leitura ajuda no seu aprendizado e formas de comunicação?

Você usa e como usa a internet também para seu aprendizado? O quê você procura na internet? E como você se sente fazendo isso?

¹⁹“Vídeo de bolso” é um filme produzido a partir de tecnologias acessíveis e portáteis, principalmente telefones celulares que têm câmeras acopladas e que, ao mesmo tempo, permitem gravar, editar e transmitir o material. (www.mobilizadores.org.br/entrevistas/video-de-bolso-novas-maneyras-de-ver-o-mundo).

3.5.3- Para gestor, pais e docente

Como funciona o projeto “Lê pra mim”? Como surgiu e de onde partiu a ideia de implementá-lo?

Como são percebidos os resultados desse projeto no aprendizado do aluno?

Como são percebidos os resultados do projeto na formação da criança?

3.5.3- Perguntas para um escritor parceiro do Projeto (Professor Alfredo Garcia²⁰)

a- A leitura transforma as pessoas?

b- Como vê o casamento entre leitura e tecnologia na formação das crianças e adolescentes?

4- Discussões: Vídeo de bolso como Pesquisa e ação: encontros entre mídias locativas e leituras na escola Heureka

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo sobre o desenvolvimento dos N@tivos Digitais: A midiatização da infância nos processos de leituras por meio das mídias digitais, tendo como base a história e desenvolvimento da internet. Conforme processo de vivência na escola e, informações bibliográficas, pude perceber que a internet, as novas mídias em geral, são ferramentas de estudo e abrem um leque de opções para análises sobre suas interações com a leitura na formação desses sujeitos.

Foi possível perceber que o incentivo à leitura, desde muito cedo, em parceria com a família e escola ajuda essas crianças a terem prazer em compartilhar experiências umas com as outras. A escola também gera parceria com escritores locais, como o escritor e, professor, Alfredo Garcia, que além de divulgar seu trabalho, alcança esses leitores em formação.

Este trabalho, portanto, abriu um universo para nossa proposta de conversação com a linguagem, audiovisual, para produção de um Mini Documentário. Por fim, conseguimos também participar de um processo de aprendizagem na área da pesquisa, tanto teórico quanto prático e ensaiar habilidades documentais audiovisuais.

²⁰Joaquim Alfredo Guimarães Garcia é paraense nascido em Bragança em 1961. Desde 1986 o escritor vem construindo sua história na literatura brasileira com livros de contos, poesia e crônicas, além de diversos títulos em literatura infanto-juvenil.

4.1 – Percursos da produção do Mini Documentário

A bagagem cultural de um sujeito é construída por meio de suas vivências, suas ideias e formas de interação com a família, com a escola são culturais, e nestes espaços juntos com outros sujeitos e meios técnicos, constrói processos de comunicação e identidades, e forma-se, através de teias de informações, suas ideias e, tomadas de posições. Os contextos socioculturais em que vivemos têm papel fundamental em nossa formação, impactando em nossas escolhas. A escola, historicamente, se torna um ente fundamental nesse processo, o artigo N@tivos Digitais nos coloca em conexão com o projeto “Lê pra mim”, reconstruindo cenas da produção do hábito da leitura como ferramenta de conhecimento na cultura digital.

a) Passo a passo:

Foi solicitada autorização para escola, para que pudéssemos formalmente conhecer o projeto como condutor de conhecimento e transformação desses sujeitos que já nasceram inseridos no universo digital. Nossa perspectiva era olhar a forma com que eles aceitam as etapas de engajamento nos processos de leitura, e veem como a atuação familiar no âmbito escolar os levam a uma motivação à leitura de forma prazerosa. E nesse processo de uma imersão mais técnica no projeto, conversei com a responsável da escola. Para observar justamente questões formais do projeto: Como nasceu o projeto?

b) Quantos dias de filmagens:

Em várias conversas até chegarmos às filmagens, passei dois dias na escola em conversas informais e formais sobre o projeto, sobre a filosofia da escola. E mais um dia para finalizar filmagens e coleta de informações.

c) O que foi filmado e fotografado (lugares e pessoas):

Diretoria, sala de leitura, laboratório de informática, quadra da escola. Ouvi a diretora administrativa, a diretora pedagógica, mães, alunos, e o escritor, pessoas que, efetivamente, fazem parte e notaram mudanças no processo de aprendizado dos alunos participantes do Projeto Lê pra mim.

d) Documentário: Como foi editado:

Pensando no incentivo a leitura, realizei a produção de um mini Documentário “N@tivos Digitais” foi idealizado com objetivo de criar uma narrativa audiovisual digital em que todas as personagens desse processo pudessem entender de forma mais dinâmica a necessidade de produzir uma história do próprio projeto como

processo de produção de conhecimento. Todos os relatos (pais, comunidade escolar; leia-se projeto *Lê pra mim*). O documentário foi filmado em celular, e entre, finalização de captação de imagens e edição, utilizamos mais dois dias.

4.1.2- Lições do processo: Continuar navegando é preciso...

A seguir alguns breves relatos de participantes do projeto “*Lê pra mim*”, que evidenciam essa interação fundamental entre mundo físico e virtual, e destacando isso no processo de aprendizado por meio da leitura. São identificações com o livro e novas ferramentas tecnológicas que motivam os processos de leitura nesse contexto da cultura digital. São relatos que traduzem exatamente essa *tecnoesfera*, onde a sociedade vive experiências tradicionais em perspectivas técnicas inovadoras. Vejamos alguns relatos.

4.1.2.3- Identificações com o livro na era digital

- A- “Nós estávamos acostumados a só pesquisar na internet, leio vários livros online, mas foi bem importante ler o livro fisicamente”. (Aluna Mel, 7º Ano)
- B- “Quando eu acabo de ler o livro eu acumulo esse aprendizado, quando vou fazer uma redação, você já está com aquela estratégia de como fazer e muitas escolhas de fazer a redação”. (Aluno João, 5º Ano)
- C- “Uso muito a internet para tirar dúvidas quando esqueço uma palavra vou lá pesquiso, ou na hora de fazer um trabalho da escola”. (Aluno Bertoldo, 8º Ano)
- D- “Eu não sou dos tradicionalistas que negam, por exemplo que o computador, que o tablet possa vir substituir o livro futuramente... eu creio que ele vai ser melhorado, dinamizado pra que no futuro ele transcenda esse objeto que ele é agora, mas ele não morrerá, tenho absoluta certeza disso”. (Escritor paraense, Alfredo Garcia – Parceiro do Projeto)

5 - Considerações finais

Neste trabalho, buscamos realizar um estudo que fizesse uma reflexão de como as mídias digitais têm papel fundamental na interação e sociabilidade dos N@tivos Digitais, marcada por processos de leituras expandidas, para além de instituições formais. O intuito era compreender ou tentar entender a forma com que essas crianças, que nasceram em uma época marcada pela força da cultura digital, baseada por animações e interações que os motivam

para esse novo mundo digital. Enfim, minha motivação era entender a linguagem de nosso tempo, por meio de interlocutores nascidos nesse tempo, nessa temporalidade *híbrida* que cumpre papel vital na formação das crianças. Sobre essa cultura afirma Santaella:

Considerando-se que as mídias são conformadoras de novos ambientes sociais, pode-se estudar sociedades cuja cultura se molda pela oralidade, então pela escrita, mais tarde pela explosão das imagens na revolução industrial-eletrônica. Por questões de pertinência e atualidade, minhas reflexões estarão aqui voltadas para as impressionantes transformações por que os fenômenos culturais vêm passando como fruto da onipresença das mídias digitais, buscando colocar ênfase naquilo que a linguagem comumente oculta pelo ponto cego na retina pode nos revelar. Além disso cumpre apontar para os novos ambientes comunicacionais gerados na cultura digital (Santaella. 2003: 117p.).

A pesquisa de campo, qualitativa²¹, foi feita a partir de uma observação dos hábitos de leitura incentivados pela instituição através do Projeto “Lê pra mim”. Em 2 (dois) dias foram ouvidas crianças de idades em torno 7 a 13 anos e suas percepções, no sentido de tecer em imagens e relatos essa articulação leitura/comunicação/tecnologia que se dá na prática na Escola Heureka, escola de ensino fundamental de Belém.

Com base no que ouvi dessas crianças e, vivenciei na escola, num tempo curto, mas veloz de convivência, compreendo, hoje, que a realidade de diferentes práticas de leitura/comunicação/tecnologia utilizadas nesse estabelecimento de ensino, evidenciam o quanto é importante averiguarmos os leitores não só a partir do que leem, de como leem, mas, sobretudo, de como veem essa ferramenta tecnológica em suas vidas, e a leitura faz parte de suas vidas na escola.

Chegamos num patamar de relações entre homens, cultura e tecnologias em que é preciso entender como esse feixe de relações está presente em nossas vidas, e como nos posicionamos fazendo parte dessa tríade, que opera as formas de sociabilidade da vida contemporânea. Não cabe sermos pessimistas quanto ao livro como ferramenta tecnológica de formação das crianças e adolescentes, o livro navega no seu tempo em outro suporte, continua movimentando ideias, projetos, sonhos. O livro se movimentou no tempo, porque os sujeitos

²¹A pesquisa qualitativa está mais relacionada no levantamento de dados sobre as motivações de um grupo, em compreender e interpretar determinados comportamentos, a opinião e as expectativas dos indivíduos de uma população. (www.institutophd.com.br/blog/pesquisa-quantitativa-e-pesquisa-qualitativa-entenda-a-diferenca/)

que os abordam vivem nesse novo tempo e pedem do livro uma presença dinâmica como tecnologia.

Em “Não contem com o fim do Livro”, Umberto Eco e Jean-Claude Carrière (2010) discutem a imortalidade do livro da perspectiva da sua resistência de mil anos de um objeto que busca outros suportes, que metamorfoseia-se e que continua a nos ajudar a entender a vida...os homens, o que pensamos e como existimos...

E a escola, a família, instituições seculares na formação das pessoas estão acompanhando isso, propondo metodologias inovadoras nesse sentido, como o projeto “Lê pra mim”. O livro ainda tem suas barreiras de acesso, mas tem encontrado trilhas para desafiar o conhecimento.

6 - Referências

1. ECO, U. & CARRIE, J-C. 2010. **Não contem com o fim do livro**. Trad. André Telles. Ed. Record.
2. LEMOS, A. 2002. **Cibercultura** – Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. Porto Alegre: Sulina.
3. LEVI, P. 1996. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34.
4. SANTAELLA, L. 2003. **Culturas e Artes do Pós Humano** – Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus.
5. _____. 2008. **A ecologia pluralista das mídias locativas**. Revista FAMECOS, nº 37 . Porto Alegre: UFRGS.
6. CASTELLS, M. 2002. **A sociedade em rede**. Editora Paz e Terra.

6.1 - Sites consultados

- <http://www.tribuna.com.br/noticias/noticias-detalle/cidades/leitura-online-estimula-o-habito-em-criancas/?cHash=72270ca37423ce5513af7c583a14faf9>
 - <https://www.tecmundo.com.br/internet/8949-20-anos-de-internet-no-brasil-aonde-chegamos-.htm>
 - https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Internet_no_Brasil
 - <http://www.ebc.com.br/noticias/2015/07/celular-e-usado-por-82-das-criancas-e-adolescentes-para-acessar-internet>
 - <https://www.tecmundo.com.br/internet/8949-20-anos-de-internet-no-brasil-aonde-chegamos-.htm>
 - <https://prezi.com/eir1xsnk46id/a-internet-no-brasil-se-desenvolveu-junto-ao-meio-em-meados/>
 - <http://www.ebc.com.br/infantil/2016/02/conheca-historia-do-livro>
 - <http://www.institutophd.com.br/blog/pesquisa-quantitativa-e-pesquisa-qualitativa-entenda-a-diferenca/>
-